

Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais

Orkut and Facebook: webs of memory within the social networks

Marcia Elisa Rendeiro¹
marelisarendeiro@ig.com.br

Resumo

Consideramos no presente trabalho os fenômenos Orkut e Facebook à luz das análises de memória, nos seus aspectos narrativos e na formação de identidades contemporâneas. Investigamos as redes pela perspectiva de uma coleção de imagens, alçada à condição de fábrica de memórias. Lembramos que, do conjunto de experiências que a ação de colecionar proporciona, merecem destaque a satisfação garantida pela posse dos objetos e o valor a eles atribuído (seja como um elemento de troca ou apenas como algo para ser visto e admirado). Nesse caso, há que se ressaltar a presença de vários elementos: satisfação e prazer, exibição, poder e posse. Na dinâmica composta pelas redes sociais, com sites que permitem que você encontre e "acumule" amigos por características específicas, crie grupos de discussão e transite entre álbuns e comunidades vislumbramos a existência de um circuito que contrapõe palavra e imagem, um texto com características narrativas específicas, uma espécie de dispositivo virtual que estimula a geração de lembranças e de representação – elos de uma mesma cadeia que serve para pontuar a escrita da memória social e a formação de novas identidades.

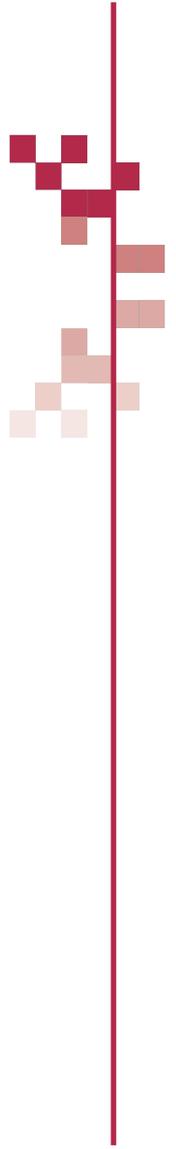
Palavras-chave: memória, redes sociais, identidade.

Abstract

We consider, in this current work, Orkut and Facebook phenomena by the analysis of memory in its narrative aspects and in the development of contemporary identities. We investigate the networks by the perspective of a collection of images, linked to its nature of a memory factory. We remind that, concerning the group of experiences in which the action of collecting generates, the satisfaction granted by the possession of objects and the value attached to them (either as an element of trade or just as something to be seen and admired) deserve to be on the spot. In this case, there has to be highlighted the presence of several elements: satisfaction and pleasure, exhibition, power and possession. In the dynamics composed by the social networks, with sites that allow you to find and "increase the amount" of friends by specific features, create discussion groups and transit among albums and communities; we foresee the existence of a circuit that oppose word and image, a text with specific narrative features, a kind of a virtual device that stimulates the generation of memories and representation – links of a same chain that serves to punctuate the writing of the social memory and the formation of new identities.

Key words: memories, social networks, identities.

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Av. Pasteur, 458, Edifício do CCH, Urca, 22290-240, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.



Palavras e vocábulos, aparentemente, deslocados de seus lugares habituais podem ser, e muitas vezes são, reveladores de múltiplos sentidos. De tal forma que não passamos indiferentes pelo "ambiente" virtual, trata-se de um ambiente no sentido literal, espaço constitutivo de vida, meio em que é possível circular, tráfegar informação, encontrar caminhos, seguir atalhos, navegadores, rotas ou *links*, abrir janelas e cruzar portais. Uma infinidade de espaços que aproximam os termos clicar e andar, sugerindo passos e definindo roteiros de navegação. O caminho trilhado nesse ambiente virtual é repleto de possibilidades, uma empreitada cujos limites são definidos pelo interesse do caminhante. E a considerar a quantidade de sites e comunidades, entre redes e redes sociais, com seus inúmeros dispositivos virtuais, o limite seria a falta dele mesmo. Assim, não por acaso, acumulam-se estudos e pesquisas sobre o ciberespaço, com uma gama de informações reveladoras de novas formas de fazer sociedade.

No presente artigo, propomo-nos contribuir com esse processo investigativo, estimulando uma reflexão sobre os novos horizontes identitários sugeridos pela revolução digital, analisando também a construção memorialista dentro desse espaço, considerando o antigo e sempre ressignificado hábito de colecionar; para tanto, levamos em conta as transformações tecnológicas e a progressiva escalada das redes sociais no mundo contemporâneo. Seguimos a trilha aberta por Pomian (1984), vislumbrando novos objetos de coleção, "objetos naturais ou artificiais afastados dos circuitos de utilização, colocados sob uma proteção especial e expostos" (Pomian, 1984, p. 509). Nosso propósito é a percepção de diferentes modalidades de memória coletiva, tal como novos fósseis e relíquias, reconhecendo, em cada uma delas, o permanente desejo de manter o tempo em suspenso. Nessa espécie singular de patrimônio virtual, sugestivo de "reevoação", ativo porque atribui "caráter sagrado" às imagens, às narrativas e aos objetos que representam e identificam uma nova forma de sujeito, reconhecemos uma sociedade em rede, indiscutivelmente preocupada em relacionar o passado ao presente.

Etimologicamente, a palavra patrimônio, do latim *patrimonium*, sugere a ideia de herança, espécie de propriedade "herdada do pai ou de outro ancestral" (Gonçalves, 2002, p. 78). A partir desse pressuposto, atribuímos aos *sites* ou *sítios*, espaços de construção de informação por excelência, uma ideia de patrimônio, naturalmente simbólico, não exatamente um legado, mas um bem; passível de análise também como um edifício de memórias, visto como parte de um discurso cultural erguido no paradoxo do efêmero, vivo e edificado à sombra da tecla deletar. Referimo-nos aos álbuns de fotografia (com as imagens das celebrações e trajetórias individuais e familiares, reunidas e classificadas nesse universo); também às narrativas singulares das redes sociais e ao conjunto de suas comunidades. Local onde se propagam eventos e memórias. Um espaço onde se faz possível "ter" e "ser", seguindo as teclas e a tela do computador.

Voltamo-nos para a análise dos *sites* de relacionamento *orkut* e *facebook*, partindo da premissa de que sua constituição como fenômeno deve-se, antes de tudo, ao fato de o valor de um sistema de comunicação aparecer atrelado à intensidade da

participação concreta de seus usuários, lembrando que o número de pessoas que fazem uso desse tipo de ferramenta virtual só faz crescer vertiginosamente. Tal como afirma Casalegno, a "efervescência social e a vitalidade das paixões humanas não se deixam aprisionar em teorias e causas lineares" (2006, p. 20); daí a necessidade de identificar esses fenômenos levando em conta o jogo sutil "entre comunicação e memória, entre saber e informação, entre redes e sociedade" (p. 20).

Inicialmente vale refletir sobre esses sites no universo de significados que compõem uma rede. Na definição clássica de Castells (1999a, p. 566), "a rede é um conjunto de nós interconectados", e o que ele chama de nó seria "o ponto no qual uma curva se entrecorta"; a metáfora visual é interessante, especialmente quando pensamos que "o que cada nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos". O termo tem sido mais intensamente empregado, especialmente no que diz respeito à Internet e ao ciberespaço, mas é relevante lembrar que esse conceito se antecipa ao mundo da web. Assim, podemos enxergar o traço de sua composição nos mais diversos cenários, "mercados de bolsas de valores, gangues de rua, instituições financeiras para lavagem de dinheiro, sistemas de televisão, estúdios de entretenimento" (1999a, p. 566), só para citar alguns.

[...] dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, ou a mesma distância, entre os nós. Portanto, a distância (física, social, econômica, política, cultural) para um determinado ponto ou posição varia entre zero (para qualquer nó da mesma rede) e infinito (para qualquer ponto externo à rede). A inclusão-exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades (Castells, 1999a, p. 566).

Sobre o fenômeno redes sociais, nos sentidos que elas carregam em si, acumulam-se interpretações de toda ordem; antes de apresentar algumas delas, lembramos que, no esteio do discurso do "eu", o mundo contemporâneo aparece mergulhado em *realities shows*, em mundos que propõem uma vida paralela, como o *Second Life*, em mensagens instantâneas do MSN; discurso também evidente na febre de *blogs*, *fotologs*, *videologs*; ou nas chamadas redes de sociabilidade, como o *Orkut*, *Myspace* e o *Facebook*, com destaque para o enorme sucesso do *YouTube*, com seus milhões de visitantes, condicionados a assistir a tudo e a todos; a vida toda ganhando contornos de *videoclip*, uma forma de narrar sobre si mesmo, sustentada por imagens e por ritmos, denotando uma nova forma de lidar com o tempo e o espaço.

Em um amplo mercado de bens, materiais ou simbólicos, movidos por necessidades e desejos de toda ordem, renovados dia a dia, pontuamos o veloz crescimento das redes sociais por todo o mundo contemporâneo. Uma das possíveis justificativas para esse crescimento pode estar no alto grau de imagens técnicas a que estamos sendo submetidos (fotografias, filmes, imagens de TV, *outdoors*, terminais de computador, vídeos, etc.), imagens que exigem de nós um novo nível de consciência e abstração. No Brasil, o crescimento do número de usuários dessas redes é marcadamente

acentuado. Segundo o Ibope *NetRatings*, mais de 80% dos internautas têm perfis em redes sociais. A rede conhecida pelo nome de *Orkut*, por exemplo, tem 72% dos usuários no Brasil. A participação em redes sociais abrange todas as classes sociais, segundo dados da revista *Época* (Ferrari, 2010, p. 109).

Uma em cada sete pessoas no planeta frequenta as redes sociais da internet. Essas imensas comunidades virtuais, organizadas por sites como Facebook, Orkut e Twitter, já abrigam quase 1 bilhão de habitantes, segundo a Insights Consulting. Juntos, estamos criando laços que superam distâncias físicas e sociais. Ganhamos um poder inédito para nos associar e trocar informações. Daí surgem astros, militantes ou simplesmente cidadãos mais ativos. Também descobrimos que essa nova sociedade, repleta de informações pessoais numa rede global de computadores, nos deixa mais expostos, seja a empresas interessadas em faturar ou bisbilhoteiros que vigiam nossas vidas. Provavelmente, teremos de aprender a lidar com esses riscos. Porque se desligar das redes será cada vez mais se exilar da própria sociedade humana (Ferrari, 2010, p. 87).

Essa preocupação com o eu chama a nossa atenção para as novas formas de tratamento da imagem, novas formas de narrar sobre si, sugestivas de um indivíduo que trata a si mesmo como produto ou mercadoria, sujeito aos recursos do *Photoshop*, retocando e editando as imagens que "publica" de sua vida. No percurso dessa análise, buscamos um pouco mais, investigando as novas formas de diários íntimos, seguindo modelos confessionais, paradoxalmente expostos, diluindo as fronteiras entre público e privado.

O que apreender desse fenômeno de comunicação? Que dispositivos de memória ele abriga? Que tipo de sociedade se configura nesse efervescente processo de transformação? Que sujeito se vislumbra nessa trajetória? De imediato podemos afirmar que as respostas para essas questões não cabem de modo integral no espaço de um artigo, mas, como já dissemos inicialmente, a ideia é estimular o contínuo processo de investigação, fomentando ainda mais a discussão e alimentando a fogueira provocante dos estudos que a sociedade demanda.

O sentido das imagens e as imagens que "sentimos"

É impossível circular pela cidade sem cair na malha imagética que a circunda; por onde transitamos, seja qual for o caminho, ao alcance dos nossos olhos surge uma espécie de fala das imagens; recursos audiovisuais que ajudam a compor a paisagem, em forma de *outdoors*, sinais e tvs (hoje integradas aos diferentes espaços e circuitos).

As imagens no mundo contemporâneo estariam, assim, no campo das sensações. No esteio desse argumento, o filósofo Christoph Türcke (2010) aponta a propaganda como "a ação comunicativa por excelência"; ela supera a finalidade da venda e, uma vez que ela aparece quase sempre associada à imagem,

revela um traço autorreferencial da contemporaneidade, como "uma presença social", de tal modo que "quem não faz propaganda não comunica, fazer propaganda de si próprio torna-se um imperativo da autoconservação" (2010, p. 37); desse modo, essa necessidade de chamar a atenção constantemente para si atravessaria todas as instâncias sociais, uma espécie de súplica perceptiva, "receba-me, perceba-me, reconheça-me, para que possa simplesmente 'ser'" (2010, p. 39).

O autor defende ainda a ideia de que nossa "condição moderna" estaria atrelada a uma espécie de entorpecimento, e "meios que entorpecem não podem ser desprezados [...] que seria da medicina moderna sem a anestesia?" (Türcke, 2010, p. 238). Nossa necessidade de anestesia (frente às angústias da modernidade) levaria dessa forma à dependência das imagens, estímulos e sensações por excelência.

Se, de fato, estamos à sombra desse futuro-presente tão ameaçador, dada a dominação da propaganda, presos no terreno das sensações e estímulos que nos são injetados diariamente, dele também se podem retirar importantes lições. O filósofo Vilém Flusser, outro autor atento ao mesmo processo, vislumbra a dispersão e os seus efeitos, mas ressalta a existência de um possível caminho de volta, disponível para os receptores das imagens.

A dispersão da sociedade, a dissipação de grupos em grãos, vai transformando a humanidade em massa aparentemente amorfa. [...] Mas uma visão fenomenológica pode revelar que a massa não é realmente amorfa. As imagens irradiadoras (tv, filme, computador) estruturam a massa. É que a visão fenomenológica concentra seu olhar sobre as imagens, e não sobre os homens dispersados; assim, pode vislumbrar a estrutura da sociedade informática emergente [...] a estrutura social destarte tornada visível é dinâmica, os fios que a ordenam "correm". Correm da imagem rumo ao indivíduo solitário, e correm de volta (Flusser, 2008, p. 67-68).

Vale a pergunta: por que carecemos de distração e dispersão com tanta intensidade? O que buscamos nessas imagens? Uma nova forma de compor a felicidade? Por esse modelo perceptivo, entendemos que a busca pela felicidade, associada às incertezas da contemporaneidade, representaria um dos fatores responsáveis por esse desejo generalizado de "dispersão, distração e divertimento" (Flusser, 2008, p. 68). Mas a análise da imagem deve seguir a lógica investigativa de para quem se destina e de quem a produziu; compreender essa estrutura social e os caminhos identitários que ela sugere é a nossa proposta. Isto posto, seguimos em frente. Como explicar, nesse cenário, o ordenamento do fenômeno redes sociais? Que imagens "correm" nesse percurso? Que fios se destacam nesses nós? Em que instâncias da memória social essa dependência por imagens pode ser identificada?

Nessa nova era midiática, ainda procuramos a imagem de nossos ancestrais; nosso passado, tantas vezes ressignificado nos álbuns de família, agora aparece com outros contornos, na tela do computador. Sua lógica, a lógica dos álbuns e a dos colecionadores de imagem, é posta em rede. Assim como novas famílias

são constituídas, também se constituem novas representações de afeto e novas formas de retratar a imagem de si mesmo – todas elas circulando na virtualidade. Entre as velhas e as novas funções desse álbum, descortinamos a função “vitrine – as pessoas precisam ser vistas para poder realmente existir”, além da ideia de “refúgio”, ao “constituir o território reservado e acolhedora da família” (Flusser, 2010, p. 49), ainda que a palavra reservada soe como uma ironia no vocabulário das redes sociais.

Sobrevive o hábito de colecionar fotografias, narrando trajetórias familiares e individuais? A resposta é sim. O álbum é parte das redes, uma forma de apreender e editar as sensibilidades contemporâneas, a serviço da construção de novas representações de nós mesmos, novas formas de culto à imagem e a descoberta de “como as tecnologias afetam a vida familiar e o seu modo de ser representada” (Silva, 2008, p. 19).

O pesquisador colombiano Armando Silva (2008, p. 24), dedicado ao “pensamento visual”, sustenta a existência de um álbum justificada por algumas condições; “a família – sujeito representado; a foto – meio visual de registro; o álbum – a técnica de arquivo; contar: a condição narrativa”. Os álbuns digitais funcionariam como uma extensão do relato permanente nas redes; essa permanência está de alguma forma condicionada à visibilidade e ao trânsito informativo que as fotografias permitem; mais evocação do que certezas, mais movimento do que inércia; arquivos que não se ajustam tão facilmente à ideia de relíquia, mas guardam uma semelhança com as antigas caixas de sapato, enfeitadas ou amarradas por fita, uma produção embelezadora que sinaliza a presença do afeto, da lembrança resignificada; fotos organizadas e coladas, realçadas pelos inúmeros efeitos disponíveis na Web. Fotos armazenadas em memórias virtuais e “apenas eventualmente impressas em papel” (Silva, 2008, p. 177), fotos marcadas por legendas ou inscrições de outros usuários, fotos que saem “fresquinhas” dos telefones celulares, no signo do imediato e da velocidade, fotos que entram pelo terreno da “tecnoestética”, exigindo de nós um exercício volumoso de visão. Tantas são as imagens, uma quantidade tão generosa de fotografias que vale a pergunta: o que deixamos de ver pelo muito que vemos? Que pistas sociais esse excesso revela?

Novos modos de leitura estimulam o exercício da compreensão humana, mas nada nos deixa mais receosos do que o declínio da leitura, o que, no dizer de Flusser, significa o temor pelo fim da crítica, de nossa capacidade interpretativa;

tememos que as mensagens, no futuro, inclusive os modelos de percepção e de experiência, sejam adotadas sem crítica, que a revolução da informática possa transformar os homens em receptores de mensagens que permutam sem crítica, ou seja, em robôs (Flusser, 2010, p. 90).

Para seguir com essa investigação, faz-se necessário refletir sobre a produção de memória nas redes e sobre a construção de identidades que ela sugere. Sherry Turkle, pesquisadora interessada nos usuários dos computadores e nos efeitos que o compartilhamento de informação e de interação é capaz de

promover na construção de identidades, oferece-nos alguns elementos importantes para aprofundar a questão. Na contramão dos críticos ao mundo performático das redes sociais, ela afirma que “é um erro falar sobre vida real e vida virtual, como se uma fosse real e a outra não” (Turkle, 2006, p. 289); instiga-nos a pensar sobre as fronteiras entre o real e o virtual, “uma vez que as pessoas investem tanto do seu tempo e tanta energia emocional no virtual, por que falar do físico como o único real?” (p. 289), uma crítica à ideia de que apenas o físico, no atributo da materialidade, pode ser considerado real. De modo singular, sugere que o ideal seria a aplicação dos termos “virtual” e “RDV”, o “resto da vida”, diminuindo claramente a oposição entre virtualidade e realidade.

Formas narrativas e criação de identidades no mundo virtual

A partir do provocante argumento anterior, prosseguimos na ideia de que um novo sujeito se configura frente às novas tecnologias e pelo uso contínuo das redes sociais. A fim de analisar as visíveis transformações entre público e privado, Souza (2010, p. 51) sustenta a proposição de que essas esferas estariam sujeitas a uma ambiguidade de interesses, levantando a necessidade de redefinir o espaço da mídia, fugindo de uma oposição simplista, marcada na estrutura do espetáculo e na “sociedade do espetáculo”, base conceitual do escritor francês Guy Debord. A autora discute o legado de Debord, contrária ao raciocínio binário em que ele defende “a clássica divisão entre público e privado, racionalidade e subjetividade, coletivo e particular”; para ela, há que se pensar em alternativas analíticas, ressaltando que “a flexibilização dos pares opositivos não implica sua extinção, mas a relativização de princípios rígidos responsáveis pela afirmação da autonomia de cada pólo” (Souza, 2010, p. 51); nesse cenário, as autobiografias em rede, o discurso autobiográfico, a “febre biográfica” dos *blogs* (e da escrita em rede) e o hábito de compartilhar “segredos” estariam servindo para revelar e redefinir novas identidades, uma criativa produção de novas subjetividades, capaz de dar conta de minorias e de refletir sobre novos lugares políticos, de “senhas que ultrapassam interesses locais para se integrar às redes transnacionais de comunicação” (Souza, 2010, p. 53). Nessa interpretação, todo o interesse pela vida privada acaba por fazer dela “um meio de afirmação do sujeito pelo olhar do outro” (Souza, 2010, p. 53); esse hábito coletivo de confessar e essa produção ilimitada de memórias estariam relacionados a um narcisismo de grupo, diferente do simples narcisismo, uma vez que confere e acentua uma noção de pertencimento a um grupo, uma tribo, uma comunidade, acentuando também outras formas de criar comunidades.

De outra feita, a fim de estimular ainda mais essa discussão, faz-se necessário considerar outros ângulos e entendimentos dessa mesma questão. Do ponto de vista cultural, levando em conta uma visão antropológica, cabe a pergunta: de que maneira, sob que motivação, estão sendo configurados os no-

vos grupos, tribos ou comunidades? Quais os efeitos provocados pelas redes sociais no que tange às nossas relações com o espaço e o tempo?

Marilena Chauí chama a nossa atenção para a o perigo na recepção das mensagens no universo midiático; ou seja,

a multimídia potencializa um fenômeno que já tínhamos frisado ao nos referirmos à televisão, qual seja a indistinção entre as mensagens e os conteúdos. Como todas as mensagens estão integradas em um mesmo padrão cognitivo e sensorial, uma vez que educação, notícia e espetáculos são fornecidos pelo mesmo meio, os conteúdos se misturam e se tornam indiscerníveis. Essa mescla dos conteúdos é agravada e reforçada pela encenação: programas educativos em forma de videogames, notícias em forma de espetáculo, transmissões do Poder Legislativo ou do sistema judiciário como se fossem novelas, jogos esportivos como se fossem coreografias de dança etc. Em suma, como nas mídias tradicionais, o simbólico é devorado pelas imagens, os contextos semânticos são fragmentados e unificados com a mistura de sentidos aleatórios (Chauí, 2006, p. 70).

A comunicação em redes sociais não foge a essa lógica de mistura e espetáculos; os fatos ganham representações virtuais que transformam todo gesto em evento, toda paisagem em cenário, "o universo está *on line* durante 24 horas"; sem intervalos temporais, como se tudo estivesse reduzido a uma enorme "sala de bate papo" (Chauí, 2006, p. 61).

Uma cibercultura que exige a criação de novas formas de estar no mundo, o mesmo espaço virtual que nos permite encontrar e reencontrar amigos, também suscita desejos e estimula o consumo, mapeando nossos gostos e interesses, com ferramentas e dispositivos que permitem o monitoramento de todas as nossas ações, uma junção de todos os nossos "eus", uma soma de todos os "nós" – bens culturais ao alcance de uma tecla, íntimos que ficamos de todos os artistas e nobres, na promessa de que a visibilidade funcione como um remédio para todas as nossas tristezas e males.

Parece oportuno lembrar que o "planeta não se converteu em uma aldeia" (ainda?); "mas em uma gigantesca alcova global, com cada um de nós assistindo pela televisão, confortavelmente instalados, em nossos quartos próprios, a um show de intimidades" (Sibilia, 2008, p. 73).

Há algo de paradoxal nesse cenário; ao mesmo tempo em que o tecido da rede se expande, também se observa um esforço para manter distante o outro, "o diferente, o estrangeiro", o temor provocado pela "incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais" (Bauman, 2001, p. 126).

Nossos dados precisam ser atualizados diariamente; seguimos pessoas e ganhamos seguidores; entre os desafios diários está o de comunicar nossas ações (espremidas ou encarceradas no presente) em 140 caracteres. Onde estamos? Para onde vamos? Como iremos? Para cada passo, um *click*, pegadas e rastros cobrem o nosso percurso em rede. Tudo feito de tal forma para que aqueles que nos "seguem" não nos percam pelo caminho.

De outra feita, para que isso ocorra, é necessário que estejamos devidamente identificados com as novas tecnologias que, por sua vez, também nos identificam.

Instigamo-nos a pensar que, no esteio dessas novas demandas tecnológicas e sociais, surge um novo sujeito, uma nova forma de fazer sociedade, novos modos de ser e estar no mundo. As redes de relacionamento, seguras desse filão de necessidades, compensam seus usuários com recursos "inovadores e surpreendentes", um "festival de vida privada" (Sibilia, 2008, p. 17), *downloads* são disponibilizados, além de ferramentas que "motivam a abertura de cursos específicos em institutos e universidades"; acenando ainda com a descoberta de novos talentos, na possibilidade de que a escrita diária enseje o aparecimento de escritores e artistas, nada que lembre um leitor passivo e imaginativo, tudo deve ser explícito – eis que um mercado de ideias se instala e ganha vulto. Isso explica uma abundância de narrativas autobiográficas, um excesso de exibição e "espetacularização da intimidade contemporânea" (Sibilia, 2008, p. 50).

Nesse contexto, o eu não se apresenta apenas ou principalmente como um narrador (poeta, romancista ou cineasta) de sua própria vida, mesmo que seja a trilhada e cada vez mais festejada epopeia do homem comum, do anti-herói ou do "homem ordinário". Enfim, daquele "qualquer um" que não tem pudor na hora de confessar sua própria pobreza, encarnado naquele você capaz de se converter na personalidade do momento. Em todos os casos, porém, essa subjetividade deverá se estilizar como um personagem da mídia audiovisual: deverá cuidar e cultivar a sua imagem mediante uma bateria de habilidades e recursos. Esse personagem tende a atuar como se estivesse sempre diante de uma câmera, disposto a se exibir em qualquer tela – mesmo que nos palcos mais banais da "vida real" (Sibilia, 2008, p. 50).

Com a vida imbuída dessa estética de *videoclip*, o novo sujeito segue como num filme, rebobinando a própria vida, costurando fragmentos, recortando lembranças, editando imagens. Embora os relatos do *Orkut* e do *Facebook*, para sermos mais específicos, sejam diferentes da estrutura narrativa tradicional, guardam semelhança com o desejo de "arquivar recordações". Ainda que a marca desses relatos seja a fragmentação e uma gama acelerada de informações, "tecer um relato implica descartar, modelar, suspender, porém sempre considerando o pano de fundo da totalidade: tudo aquilo que permanece na suspensão da virtualidade" (Sibilia, 2008, p. 143).

Assim, essa permanente atualização da memória é parte do jogo da escrita nas redes sociais. Isso também evidencia o medo do esquecimento; tudo é constantemente atualizado, arquivado ou colecionado para ser exposto. Cada usuário cria o seu perfil, escolhe, adere ou cria as suas próprias comunidades, tece um nó colocando mais fios no sistema.

O pesquisador Rogério da Costa afirma que os termos redes sociais, comunidades pessoais e inteligência coletiva estariam no cerne de um novo conceito de comunidade. As redes digitais (*blogs*, *wikis*, comunidades virtuais, *sites* de relaciona-

mento, *orkuts*) agem em "sinergia"; estariam, desse modo, associadas à expansão das redes sociais e a serviço da ampliação de um capital social em nossa sociedade. "As comunidades virtuais seriam assim não apenas lugares de encontro, mas também um meio para se atingir determinados fins" (Costa, 2008, p. 244). O que se ressalta no terreno das comunidades e do capital social é a percepção do outro; de uma capacidade de interação desenvolvida pelo indivíduo; de sua capacidade para estimular confiança; reconhecendo nesse processo "comportamentos, intenções e valores que compõem o seu meio" (Costa, 2008, p. 244).

O capital social ficaria assim entendido como "a capacidade de interação dos indivíduos, seu potencial para interagir com os que estão a sua volta, com seus parentes, amigos, colegas de trabalho, mas também com os que estão distantes e que podem ser acessados remotamente" (Costa, 2008, p. 240) Por essa premissa, capital social significaria "a capacidade de os indivíduos produzirem suas próprias redes, suas comunidades pessoais". Também pode ser entendido como "normas e valores que governam as interações entre as pessoas e as instituições com as quais elas estão envolvidas" (Costa, 2008, p. 239).

No cenário das redes, no tráfego incessante de relatos e informações, no uso do capital social como recurso e na produção dessa memória do aqui e agora, percebemos a configuração de um novo sujeito, um universo de criação e possibilidades capaz de gerar outras referências de identidade.

Pelo viés sociológico é possível afirmar que toda identidade é o resultado de uma construção; no âmbito da análise das redes sociais, interessa-nos descobrir como isso se dá. Castells afirma que "o individualismo (distinto da identidade individual) também pode ser considerado uma forma de identidade coletiva"; sua defesa é a de que a matéria-prima da identidade

[...] é fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo-espacia (Castells, 1999b, p. 23).

Dessa forma, não seria precipitado concluir que as identidades construídas no trânsito informativo das redes sociais teriam a sua gênese no individualismo, predominantemente marcadas pelo traço narcisista da contemporaneidade, sujeitas também às flutuações do mercado econômico, na inspiração de modismos e crenças. Contudo, o que não se pode ignorar é a sua vigorosa força como fenômeno. Já não se podem fechar os olhos para a afluência de informações e ideias que transitam no ciberespaço, redes que aproximam pessoas e pontuam novos modelos de interatividades, sugerindo uma nova forma de fazer e viver em sociedade.

É significativo pensar nessa formação identitária no corpo de influências das instituições modernas. A ansiedade existencial, a busca por referências de proteção e segurança, num

mundo em que sentimos falta do "apoio psicológico e do sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais" (Giddens, 2002, p. 38), é, no mínimo, curiosa. Há algo de paradoxal no fato de que tantos recursos tecnológicos e possibilidades midiáticas não sejam (por si só) suficientes para suprir essa necessidade de comunicação. Terapias de toda ordem e alta exposição nos sites de relacionamento fazem valer a lógica dos antigos confessionários. A despeito de todos os recursos disponibilizados pelo "futuro", a suspensão do presente e o elogio melancólico do passado ainda seduzem os sujeitos no mundo contemporâneo.

A sociedade em rede, na prática da conexão e no exercício da interatividade, assinala a busca por referências e pela manutenção de antigas tradições. No cerne de um vínculo renovado com tradições estariam as questões de cunho existencial; Giddens apresenta o surgimento de uma "política-vida", revelando em cada ação dos indivíduos a "centralidade do projeto reflexivo do eu na modernidade tardia" (2002, p. 212), política evidenciada pela capacidade de adoção de estilos de vida tão diferentes quanto possíveis.

O corpo é parte desse cenário, esse referente individual, tão retratado, fotografado, filmado e associado às imagens no circuito das redes. Podemos vê-lo também como um objeto, fonte de sensações que vão do bem-estar ao prazer absoluto, mas elemento também de tensões e dores, com sua aparência editada das mais diversas formas, atuando como um cartão de visita ou marca de grife, imerso na prática das interações humanas do cotidiano, "parte essencial da manutenção de um sentido coerente de autoidentidade" (Giddens, 2002, p. 95).

Não seria o avatar a projeção desse corpo perfeito, ativo e habilidoso, capaz de nos representar no trânsito das redes? Não por acaso se renovam os dispositivos do mundo virtual capazes de gerar bonecos, figuras, representações de nós mesmos, com detalhes que copiam ou se assemelham aos nossos traços individuais, sem obesidade ou anorexia, *fakes* ou "seres" para usar e identificar. O que essas imagens criadas por nós falam de nós? De certo modo, revelam o nosso temor do risco, da perda, da morte. Ilustram o nosso desejo de uma vida planejada, controlada, até certo ponto, previsível.

A fim de mostrar como destino, risco e segurança são eixos das preocupações modernas, Giddens lista uma série de avanços relevantes para a saúde, entre os anos de 1907 e 1977, e, muito embora o período seja atravessado por duas guerras mundiais, ressalta-se que as sociedades passaram a uma expectativa de vida maior (Giddens, 2002, p. 109); entre esses fatores destacamos: "preparação higiênica da comida, leite pasteurizado, ampla aplicação de princípios científicos de higiene pessoal" – nesse caso, ligados à alimentação; também merecem destaque os fatores ligados à cura e aos tratamentos de doença: "erradicação das principais doenças causadas por parasitas, inclusive a malária, aperfeiçoamento contínuo do tratamento de doenças infecciosas, expansão e aperfeiçoamento contínuo dos procedimentos de diagnóstico, aperfeiçoamento contínuo dos tratamentos de câncer"; além de medidas de caráter legal, determinadas pelo crescimento urbano, pelas transformações do ir e vir,

pela convivência obrigatória com as pressões do mundo moderno, como "a ampla aceitação da segurança no trabalho, cintos de segurança obrigatórios nos automóveis, o reconhecimento dos efeitos nocivos para a saúde do fumo, obesidade, pressão alta e vida sedentária" (Giddens, 2002, p. 110).

De que maneira esses fatores dialogam com o mundo das redes sociais? Há que se pensar no que todas essas preocupações e medidas falam sobre a sociedade em que vivemos. Os avanços na área de saúde e os avanços tecnológicos (encurtando distâncias e fronteiras) não seriam razões para uma otimista visão de futuro? Como explicar a existência de tantas incertezas e inseguranças em um mundo em que a informação circula com mais velocidade e intensidade?

À procura de pistas para responder a essas questões, devemos levar em consideração a radicalização e globalização como traços básicos do mundo contemporâneo, o conceito de confiança, posto sob a ótica da "crença em pessoas ou sistemas abstratos, conferida com base em um 'ato de fé' que põe entre parênteses a ignorância ou a falta de informação" (Giddens, 2002, p. 221); em suma, teme-se pelo desencaixe, pelo deslocamento de identidades, pelos riscos do desconhecido, pela ausência dos projetos coletivos, pela pressão do eu. Nesse contexto, as narrativas de si, a velocidade da comunicação, tal como as compressões do tempo e do espaço funcionariam como uma espécie de compensação, frente ao futuro ameaçador.

O sociólogo Bauman, na clássica metáfora da fluidez, aponta para as angústias do pertencimento, argumentando que, uma vez que não encontramos solidez na identidade, que ela não é mais uma "rocha", que pode ser "negociável e revogável", isso pode sobrecarregar o peso das escolhas individuais, dos caminhos percorridos, tornando-se tarefa perturbadora; "estar total ou parcialmente 'deslocado' em toda parte, pode ser uma experiência desconfortável [...] sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer, barganhar" (Bauman, 2005, p. 19).

Assim, descortinamos uma sociedade que enreda seus anseios, tece fios de escolhas, pertence ou institui comunidades, sempre instalando novos começos, excitada por adquirir, nomear, celebrar, inaugurar; adaptada à ideia de que a aquisição de objetos pode oferecer consolo às angústias cotidianas, o fetichismo da sociedade de consumidores.

A subjetividade do sujeito no mundo contemporâneo está diretamente relacionada à visibilidade, promessa maior das redes sociais. Assim, "estar invisível equivale a estar morto" (Bauman, 2008, p. 21). Entre os desejos mais assinalados pelos jovens está o de "ser famoso"; para tanto, é preciso ser desejável, feito

da matéria dos sonhos e contos de fada (Bauman, 2008, p. 22). Dessa exigente premissa surge o nosso cibersujeito; de futuro incerto, constitui-se objeto por excelência dos estudos sobre os novos rumos da sociedade.

Referências

- BAUMAN, Z. 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 260 p.
- BAUMAN, Z. 2005. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 112 p.
- BAUMAN, Z. 2008. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 200 p.
- CASALEGNO, F. (org.). 2006. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre, Sulina, 304 p.
- CASTELLS, M. 1999a. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, vol. 1, 698 p.
- CASTELLS, M. 1999b. *O poder da identidade*. São Paulo, Paz e Terra, vol. 2, 532 p.
- CHAUÍ, M. 2006. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 144 p.
- COSTA, R. da. 2008. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. In: H. ANTOUN (org.), *Web 2.0*. Rio de Janeiro, Mauad X, p. 235-248
- FERRARI, B. 2010. Especial: Redes Sociais: onde os brasileiros se encontram. *Revista Época*, maio, p. 87.
- FLUSSER, V. 2008. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo, Annablume, 150 p.
- FLUSSER, V. 2010. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo, Annablume, 180 p.
- GIDDENS, A. 2002. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 233 p.
- GONÇALVES, J.R.S. 2002. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Iphan, 156 p.
- POMIAN, K. 1984. Coleção. In: F. GIL, *Memória-História*. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 51-86.
- SIBILIA, P. 2008. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 288 p.
- SILVA, A. 2008. *Álbum de família: a imagem de nós mesmos*. São Paulo, Editora Senac São Paulo/Edições SESC-SP, 320 p.
- SOUZA, E.M. 2010. Janelas indiscretas. In: L.P.M. LOPES; L.C. BASTOS (orgs.), *Para além da identidade*. Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 48-59.
- TÜRCKE, C. 2010. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas, Editora da Unicamp, 323 p.
- TURKLE, S. 2006. A memória na tela. In: F. CASALEGNO, *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre, Sulina, p. 287-304

Submetido: 29/09/2011

Aceito: 11/10/2011